

Da mesma autora de *O ICEBERG*

VIRGÍNIA

LÚCIA CARINA





VIRGÍNIA

LÚCIA CARINA

CLÃ DA LITERATURA
INPUT EDITORA



© Lúcia Carina, 2024

Título

Virgínia

Autora

Lúcia Carina

1º Edição

Input Editora

Capa

Revisão

Daniel Said

Ilustração

Diagramação

António de Matos

ISBN

978-989-335860

Input Editora

928767478

949781289

Vencedora do concurso
Era da literatura fantástica, 2022
realizado pelo Clã da Literatura

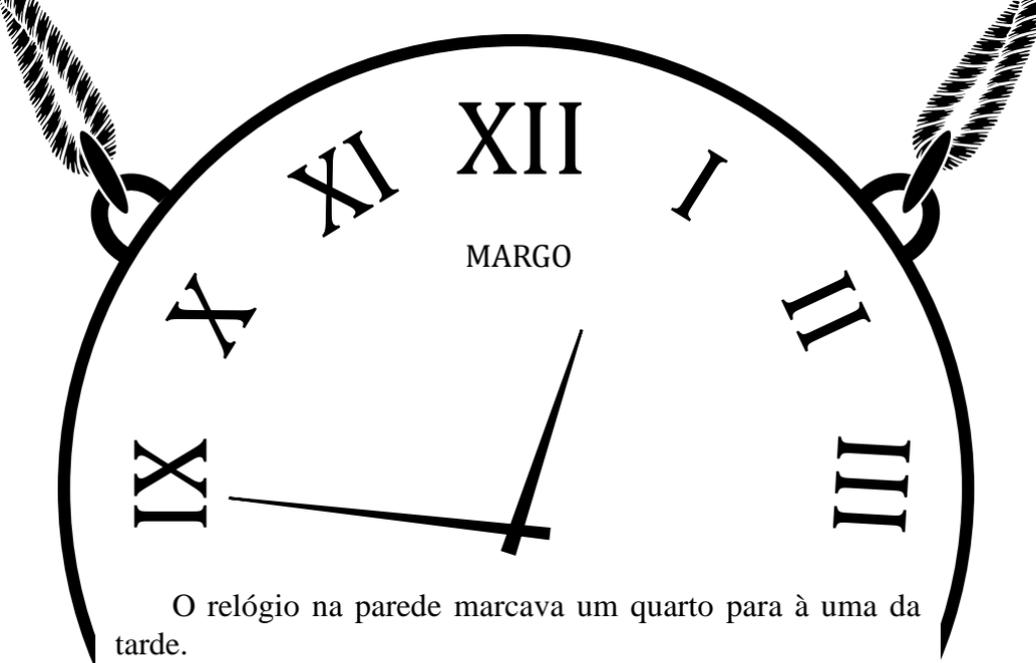


Possui Gatilhos

Há cordas no coração humano que o
melhor seria não fazê-las vibrar.

Charles Dickens

CAPÍTULO I



O relógio na parede marcava um quarto para à uma da tarde.

Era o dia do seu aniversário. Não lembro exatamente do ano, tenho me sentido muito confusa ultimamente. Mas lembro de ter beijado o seu rosto. Ela tinha cheiro a cigarros e bebida barata, acho eu, ela podia ser bem imprevisível às vezes.

O relógio continuava: tic-tac, tic-tac, tic-tac...
Lembro-me de ter saído para pegar o bolo. Quase consigo sentir o cheiro da cobertura escolhida a dedo por mim; o sabor favorito dela. Embora tente, tenho dificuldades em lembrar qual era.

O relógio continuava com o barulhinho. Tic-tac, tic-tac, tic-tac...

Parei por algum tempo para falar com alguém, a pessoa não tinha rosto, ao menos nas minhas memórias não. A entidade sem rosto me fez sorrir, perguntou sobre o estado dela, pediu que enviasse as suas felicitações e, depois que se despediu, afastou-se.

TIC-TAC TIC-TAC TIC-TAC TIC-TAC TIC-TAC TIC

Pousei o bolo nas escadas, à entrada de casa, queria surpreendê-la. Corri para o andar de cima, a cada dois degraus, como ela fazia toda vez que a felicidade lhe governava os músculos.

A música que vinha do seu quarto, alta como sempre, naquele dia era mais agitada, diferente do que nos habituara. Eu sabia que assim que ela saísse por aquela porta desapareceria em uma das suas muitas viagens comemorativas, ela fazia aquilo constantemente; gostava de comemorar! Duas, três, quatro semanas... Em aventuras de arrepiar, conhecendo pessoas novas, consumindo coisas ilícitas, eventos inimagináveis, e sexo; ela adorava sexo. Todas as suas estórias mirabolantes e fantásticas terminavam em sexo; com homens atraentes, mulheres inimaginavelmente belas, cafetões de esquina, velhos podres de ricos, viúvas lésbicas, adolescentes com hormonas à flor da pele...

Eu sabia que se quisesse ter algum tempo com ela, deveria aproveitar aquele momento; seria a minha única oportunidade.

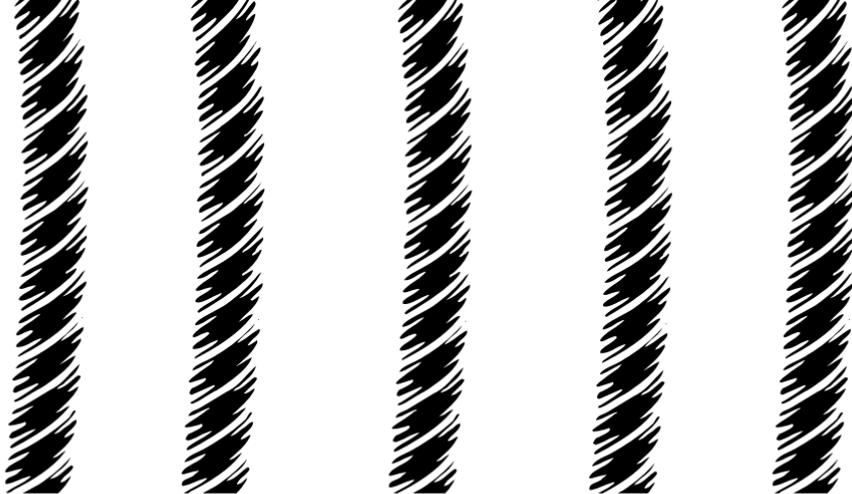
Toda aquela escassez de tempo se devia ao relógio que não parava.

Maldito relógio!

Chamei por ela, mas, de tão alta que a música estava, ela nem deveria ter ouvido. Ponderei entrar, afinal, eu podia fazer aquilo, irmãs partilham quartos! Mas o quarto dela parecia ser íntimo de mais; aquelas quatro paredes eram o santuário dela, nem mesmo os nossos pais se atreviam a cruzar o seu domínio.

Naquele dia em específico, eu estava cheia de algo; podia defini-lo como coragem ou até mesmo curiosidade,

CAPÍTULO II



MARIA

O caminho para a casa foi silencioso; ninguém se atrevia a pronunciar qual fosse a palavra.

Por momentos achei que seria capaz de evitar toda aquela confusão que se formaria a seguir, mas só me apercebi de que tinha perdido a causa quando Roger mandou que descêsemos. O seu tom não foi nem de perto amigável.

Meu marido não era de se chatear facilmente, mas quando isso acontecia era difícil prever as suas ações; tornava-se agressivo e impaciente.

Eu temia tanto por ela, por minha filha, que me vi fazendo preces. Ela não estava certa, eu sabia, naquele mês, em particular, se mostrava muito desajuizada, mas eu tinha tanta fé que com paciência, paciência e muita oração, ela desenfrearia aquele espírito que se tinha apossado do seu corpo; não com agressividade.

Minha filha tinha o temperamento diferente do pai; era fácil deixá-la a ferver e difícil mantê-la fria. Era impaciente, pessimista e, na maioria das vezes, não media as palavras.

Entende o motivo de querer evitar aquele confronto?

Roger começou por confrontá-la, dizendo que estava farto de todas as encrencas em que ela se colocava; mas a menina, rebelde como se mostrava, confrontou-o igualmente dizendo que não pediu a ajuda de ninguém.

— Não fale assim com o seu pai! — Interrompi. — O respeito ainda é prezado nessa família.

— Ele me agrediu na frente dos policiais! — Minha menina soluçou olhando para mim, implorando que eu ficasse do seu lado. Ela não entendia que ali não havia lados. — Eu não fiz nada, e ele me agrediu.

— Como não fez nada? Você foi presa totalmente drogada.

— Eu já disse que eu não faço a mínima ideia de como isso aconteceu.

— Estou cansado de ser obrigado a limpar toda a sujeira que fazes, Ju! Estou cansado de todas essas confusões em que te tens medito. O que se passa contigo? O que tens na cabeça? Onde colocaste o juízo? Amanhã fazes 20 anos e continuas a agir como uma criança...

— Roger, por favor...

— Não, Maria! Chega! Chega de tentar entender o porquê, chega de ter paciência, chega de ser passivo com ela. Ela está a acabar com as nossas vidas! A tua mãe; sabes quantas noites em claro ela passa toda vez que saís por aquela porta? Ao menos pensas na saúde dela, quando desapareces sem dar explicação para ninguém? Pensas na tua irmã? Pensas nessa família?

Minha filha parecia prestes a explodir. Seu rosto estava contraído e seus olhos imersos em lágrimas.

— E ainda tem a lata de dizer que não precisa de ninguém! Sabe quanto prejuízo nos tens causado?

— Eu posso... posso ir embora e nunca mais terão que se preocupar comigo! — Soluçou, agitando por completo o meu coração.

— Filha, por favor...

— E vais para onde? Viver com os teus amigos drogados? Com os teus namorados, com vida feita e família para cuidar? Ou vais-te prostituir como já tens feito?

— Roger, por favor, ela não está bem... — Pedi.

— Eu vou embora, não sou obrigada a aturar essa merda. — Ela tentou voltar-se para a porta, mas fui rápida o suficiente para a impedir. — Mãe, por favor...

— Minha querida, por favor, por favor, não faça isso. Suba, tome um banho, descanse e amanhã a gente pensa com mais clareza. Amanhã a gente conversa. — Ela me encarou e voltou a me abraçar, em prantos.

— Eu amo tanto a senhora. — Sussurrou num soluço. — Lamento imenso por tudo isso.

— Eu também te amo, minha vida. Agora, por favor, vá descansar.

Esta, lentamente, ganhou as escadas e desapareceu no andar de cima.

Meu marido me olhava de cara amarrada, e eu bem sabia que uma briga começaria.

Adentramos o quarto; ele sentou-se na cama ainda em silêncio e eu me ajoelhei perto da santinha e acendi a vela ao lado. Comecei as preces e foi nisso que ele se apeçou.

— Ela está cada vez pior, e tu estás aí a agradecer por ela voltar! O que você tem na cabeça, mulher? O que se passa contigo? Estás a acreditar nas estórias dela, será que sou o único lúcido nesta casa? Hoje foi encontrada drogada; craque, Maria, craque! E amanhã? Amanhã vai começar a

trazer essas porcarias cá para casa. Deverias estar a fazer preces em nome da Margo, ela é que corre real perigo por estar perto da influência da irmã mais velha.

— Rogério! Não vês que essa tua atitude só a afasta mais de nós? Devemos ser mais pacientes com ela.

— Paciência?! Estamos a ser pacientes há já dois anos, e ela só tem piorado. Eu já deveria saber. Devia ter começado a endireitá-la mais cedo, evitaríamos tudo isso.

— Violência não é a solução. Eles se tornam mais manhosos quando são agredidos. E que ideia foi essa de agredi-la no meio da rua, de frente a esquadra? Combinamos que não faríamos isso.

— Na minha infância, eu e os meus irmãos, levamos que chega. E olha, ninguém saiu da linha. Do contrário, somos exemplos a seguir.

— Os tempos mudaram, Roger, precisamos ser amigos dos nossos filhos. Não sabes o que tem se passado na cabeça da Ju, não sabes o que tem-lhe feito agir dessa forma; bem sabes que essa idade é também a mais difícil. A nossa menina pode estar com depressão ou ansiedade, ou um daqueles diagnósticos comuns dessa geração. Como ela vai contar o que se passa para ti se vê-te como um inimigo?

— Mas ela está bem! Ela está saudável. Isso são mesmo só coisas da tua cabeça, tens que parar de andar com aquela brasileira, está a te pôr ideias na cabeça. Todas as minhas filhas são saudáveis.

— Então vamos marcar uma consulta. A Paula deu-me o cartão de um ótimo psicólogo, podemos fazer uma sessão familiar.

— Não estou para gastar dinheiro com isso. Já não chega o que a Ju tem-nos feito gastar com as maluquices dela?!

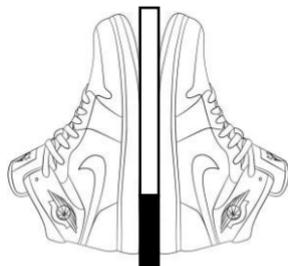
— Não é tão caro assim, Roger, podemos fazer um sacrifício por elas.

— Quantos sacrifícios fizemos por ela? E como ela retribui? Dizendo que não precisa da nossa ajuda.

— Mas nós somos pais, Roger, o nosso dever é protegê-la.

E aquele argumento foi o suficiente para aquietá-lo.

CAPÍTULO III



GUSTAVO

Não compreendo ao certo o que esperas que eu diga, mas tentarei corresponder às expectativas.

O meu nome é Gustavo, Gustavo Santos, e conheço a Júlia desde o tempo do colégio. Ela sempre foi a mais popular da escola, ela e as amigas eram invejadas pelas garotas do nosso ano e metiam medo às garotas dos outros. Virgínia, infelizmente, era uma delas.

Virgínia era uma garota calada, de personalidade distinta; estudiosa, bem-humorada... Mas isso, por alguma razão, desencadeava a fúria de Ju; a sua intolerância via-se a quilómetros de distância. Foram várias as vezes que ela e as amigas implicaram com a pobre garota; levaram as suas coisas no dia da aula de natação, ela teve que se cobrir com uma toalha até a direção e lá ficar por horas, até que os pais chegassem; inventavam boatos sobre ela, o mais famoso foi sobre ela ter ficado com todos os rapazes do nono ano, também tinha o rumor de que ela havia dormido com um dos nossos colegas na sua casa e os pais a terem apanhado... o facto é que, na escola, a Júlia fazia da vida de Virgínia um inferno.

Não faço a mínima ideia de como surgiu toda essa tensão entre elas, mas lembro-me de certa vez ter encontrado elas a discutir no terraço da escola. Algo sobre a Júlia estar a ficar com Gregório; Virgínia estava P# da vida. Totalmente alterada. Parecia até uma discussão de casal. Depois disso, o *bullying* começou.

Algumas vezes me encontrava com a Ju no terraço e lá ficávamos a fumar alguns cigarros velhos que conseguíamos pegar da sala dos professores ou comprar dos senhores da limpeza da escola; nesses momentos ela parecia verdadeiramente chateada, ou triste, ou feliz... Ela era bem imprevisível. Mas lembro-me que uma vez, dois dias depois da morte de Virgínia ser anunciada, encontrei-a no terraço, bêbada e fumando.

— Se algum professor te encontrar desse jeito com certeza hás de ser expulsa.

— Shhhh. — Aquele som se prolongou por algum tempo, até ela dizer: — Eles vão descobrir no final, todos vão descobrir.

Recebi o cigarro da sua mão e ela esperou que eu tragasse como habitualmente fazíamos, mas ao invés disso, apaguei-o.

— Era o meu último cigarro... — Disse, empurrando o meu ombro.

— Vamos, eu te ajudo a ir para casa.

— Eu não quero ir para casa! Me solta! — Inesperadamente, estava bem agressiva. — Eu só preciso de um tempo antes que todos descubram. — Sussurrou, bem mais próximo.

Eu gostava imenso da Ju, desde o sétimo ano, era uma espécie de amor platónico. Não sabe o quanto machucava vê-

la daquele jeito, mas machucava mais ainda saber que tudo aquilo se devia a Virgínia.

Decidi ficar ali com ela, até que quisesse ir para casa. Ficamos algum tempo calados, sentados à sombra da casinha do ar condicionado, e repentinamente ela começou a chorar. Eu não sabia o que se passava, apenas coloquei o meu braço a sua disposição e tentei consolá-la. Ela chorou por imenso tempo, intensamente.

Horas depois, parecia mais sóbria e a expressão de embarço no seu rosto era perceptível. Ela despediu-se e disse que precisava ir para casa e não aceitou a minha companhia.

Desde então, com o final do ensino médio e a universidade, não mais nos vimos; mas nos últimos dias na escola, pude observar a mudança no seu comportamento. Júlia havia se desprendido de todas as amigas, estava cada vez mais calada, contida, e muitas vezes chegava atrasada nas aulas. Pensei que fosse apenas uma fase, pensei que aquilo fosse passar com o tempo.

Nas férias da faculdade, vim visitar a minha família, a minha irmã tinha conhecimento da minha paixão platônica e me contou o que tinha acontecido até ali, durante a minha ausência, aquilo que ela sabia devido a boatos e a alguns escândalos que a própria Júlia se envolvia. Decidi visitá-la, mas ela parecia nunca estar em casa, então pedi para a Margo, a irmã mais nova dela, dizer para ela que eu desejava imenso vê-la.

Duas semanas depois e nada de Júlia.

Tardiamente, eu saía da casa de um dos meus amigos, a casa dele estava localizada no lado mais marginalizado da cidade, mas foram tantas as vezes que tinha feito aquele percurso que achei que não fosse necessário temer; quando ia

virar a esquina para subir para o lado mais iluminado fui impedido por dois rapazes de ar duvidoso, deveriam estar na faixa etária dos 20. Eles fizeram perguntas, respondi algumas, pediram algum dinheiro. Estávamos no meio da noite, na parte mais marginalizada da cidade, eu estava visivelmente em desvantagem, então limitei-me a dar algum dinheiro. Quando pensei que podia ir embora, um deles fez menção dos meus sapatos e mandou-me descalçá-los, mas diante de modesta recusa, o outro agarrou-me pela gola da camisa e gritou bem próximo do meu rosto:

— Não é nenhum pedido, *mó nengue!* Aqui é nossa placa!

E antes de sequer perceber, já era agredido com tapas e socos. Me joguei ao chão tentando proteger a minha cabeça e depois de alguns pontapés ouvi uma voz feminina. Eles pararam e pareciam conversar com a recém-chegada.

Júlia estava ali, sabe Deus como e porquê, e estava de gracinha com aqueles marginais. Inesperadamente, esta deu com a bolsa na cabeça de um, o deixando inconsciente logo de primeira, e chutou as partes íntimas do outro, esse último caiu se contorcendo e incapacitado.

— Corre, Gus! Corre!

Enquanto corríamos ouvimos um dos caras gritar que não ficaria assim, ouvi-o usar imensos termos vulgares para nos caracterizar até que estávamos suficientemente longe.

— O que você tinha na mala? — Sorri lembrando de como o cara caiu desacordado.

— Adivinha! — Ela sussurrou, tirando de lá algumas pedras, o que me fez gargalhar mais ainda. — Uma mulher tem que saber se proteger com o que tem, Gus.

— O que fazes tão longe de casa e a essas horas?

— Estava apenas a dar um passeio. — Disse, desviando o olhar para a bolsa. Como se estivesse a esconder algo. Dali eu podia ver o quão magra ela estava. Os olhos estavam imersos em olheiras e os lábios estavam com uma tonalidade enegrecida.

— E o que você faz aqui? Ouvi dizer que estavas a fazer a faculdade no estrangeiro.

— Sim... Vim visitar a minha família. Férias.

— Mm, Ok.

— E tu? Como vai a tua família? Como você está?

— Nós estamos bem. — Ela sorriu e me encarou por imenso tempo.

Não havia um mínimo de verdade no que ela disse; queria dizer-lhe isso.

Eu a conhecia o suficiente para saber que mentia.

— Olha, foi bom te encontrar, Gus, mas tenho que ir. Tenho umas coisas para fazer.

— Tenho-te procurado na tua casa, mas Margo diz que estás fora faz algum tempo. Queria marcar alguma coisa contigo, nesses dias em que estarei aqui...

— Sim, estive ocupada... assim que eu puder, eu ligo para marcar, pode ser?! — Disse, se erguendo do banco em que estávamos sentados. — Fique bem, se cuide!

— Você também, Júlia.

Era estranho, sabe, porque eu senti que aquele adeus era o último. Que nunca mais a voltaria a ver.

CAPÍTULO IV



JÚLIA

Tudo começou com a morte de Virgínia Romero; a rapariga com quem implicava. Ela suicidou-se.

Desde então, a vida se mostrava uma eterna festa.

Percebes o que isso é? Imagina viver todos os dias em total êxtase; sempre com a adrenalina pulsando. Imagina não conseguir dormir por sentir-se psicologicamente muito agitada, viver fugindo dos teus pensamentos, tentando encontrar paz.

As festas, a música, a droga, a bebida e tudo que eu fazia, desde que a notícia foi transmitida naquela tarde de quarta-feira, na escola, era para escapar de todos os pensamentos que incansavelmente me perseguiram.

Então eu me desligava da vida, deixava a adrenalina disputar pelo lugar nas minhas veias, me permitir respirar a cada droga que experimentava, a cada gole de bebida que dava, me permitia esquecer toda vez que era tocada, acariciada, desejada, amada; aqueles eram os momentos mais lúcidos da minha vida, ao menos, desde a morte de Romero.

Depois de tudo aquilo, quando me encontrava sozinha

e a festa acabava, os pensamentos retornavam, a solidão apertava meu peito com mais intensidade e a culpa agarrava meus ombros com mais força.

Talvez ela não tivesse tirado a própria vida se eu não tivesse chamado vadia, talvez ela ainda estivesse viva se eu não tivesse espalhado aquele boato na escola sobre ela e os rapazes do nono ano, talvez os pais dela ainda estivessem orgulhosos de ter uma filha fazendo o segundo ano da faculdade de medicina ao invés de ter a única filha a sete palmos do chão.

Eu lamentava aquela perda como jamais havia lamentado. Aqueles dois últimos anos foram um massacre; e eu só queria que todos sentissem a repulsa que eu sentia por mim mesma, queria que eles me vissem com os olhos que eu me via, mas desejava igualmente que me amassem, me ajudassem. Me sentia quebrada, mas não tinha coragem para pedir ajuda, não me sentia digna, então me limitava a fugir daquela dor. Quando não estava inconsciente, bêbada demais para sequer ir ao banheiro, eu estava em festas, estava a transar, conhecendo pessoas que me queriam e não sabiam do meu passado. Não sabiam que Virgínia Romero estava morta por minha causa.

Mas nos últimos tempos, após passar um mês fora de casa, e como sempre ter usado de todos os métodos que conhecia para escapar daquela agitação constante, me vi sem outra opção, se não a de voltar. Me sentia cansada de lutar contra aquilo, isto só vinha crescendo ao ponto de não conseguir escapar, estava ali, apertado ao meu pescoço como jamais havia estado, insaciado, não querendo apenas a música alta e badalada, não querendo apenas as drogas, as bebidas, o sexo com desconhecidos; querendo também a

minha vida.

— O que se passa contigo? — Leopoldo gritou, sobrepondo-se a música.

Leopoldo era um homem de 53 anos passando pela crise de meia-idade. Nos conhecemos há alguns meses, na casa de festas de um amigo em comum; ele queria ficar comigo desde o início, mas não fazia bem o meu tipo; era calvo, baixo e vermelho-tomate devido à pele irritada, mas tinha dinheiro. Naquele dia, o encontrei acidentalmente numa dessas festas noturnas que estava constantemente a ir, e meio ao desespero de tentar me distrair daqueles sentimentos que me acompanhavam fielmente, aceitei a companhia.

— Não se passa nada, — falei, — podemos sentar-nos? Estou cansada de dançar.

— Podemos ir para um lugar menos movimentado. — Aquilo seria muito conveniente se eu não conhecesse as suas intenções e se o capuchinho novo de Leopoldo não parecesse um enorme camundongo repousando na sua cabeça.

— Não me apetece agora, Leopoldo, talvez mais tarde. Por agora, vou ficar ali no bar; pode continuar aqui, depois volto.

— Tudo bem. Vou continuar aqui, te esperando. — Disse, soltando um beijo no ar, da forma mais vergonhosa possível. Sorri ligeiro, não por concordar com o que ele disse, mas por ele achar que aquela demonstração idiota fosse capaz de parecer sensual.

Decorridas duas horas, Leopoldo já estava aos beijos com uma menina que parecia mais nova que eu; em parte aquilo me alegrou, não teria que o aturar mais naquela noite, do outro lado, me deixou totalmente abalada, aquela menina parecia ter menos de dezassete anos e estava a se entregar de

bandeja àquele traste; onde estavam os seus pais, como alguém podia deixá-la ali, naquela discoteca cheia de pedófilos, homens sem escrúpulos?

Naquele momento eu percebi. Meu lugar não era ali. Eu estava tão perdida, tão quebrada, que nem sequer me apercebia que estava a me afundar cada vez mais, dia após dia.

Quando decidi ir embora, alguém sentou-se ao meu lado.

— Júlia, não é?

Foram necessários minutos para poder reconhecer o estranho; no mesmo segundo que a constatação me atingiu, decidi afastar-me.

— Eu só quero conversar. Calma, vim em paz.

— Veio agradecer pelo chute que levou no seu...

— Não me faça lembrar disso, estou com dores até hoje... Mas não vim falar do nosso desentendimento.

— O que você quer, então?

— Quero fazer as pazes. — Disse, chamando o empregado de bar. — Descobri que és amiga do Joel; eu e ele somos praticamente irmãos, e ele gosta imenso de ti. Não posso ficar mal com uma das amigas do meu irmão.

Aquilo fez-me calar. Não tinha nada para dizer.

Observei-o pedir uma cerveja e perguntar-me o que queria beber.

— Fica para outro dia, já me vou embora.

— É por minha conta, Júlia, é como uma bandeira de paz. Quero realmente ser teu amigo, e não aceito um não como resposta. — Nos olhamos demoradamente, antes que ele reforçasse o pedido: — Por favor, só uma rodada, faça isso em consideração a amizade que tens pelo Joel.

— Tudo bem. Uma só. — Falei, me sentado novamente.

— Martinez, por favor. — Pedi, e o vi sorrir para o empregado de bar.

Quando fui servida, este ergueu o próprio copo e sorriu para mim.

— A novos começos. — Disse, antes de chocar ligeiramente o seu copo no meu.

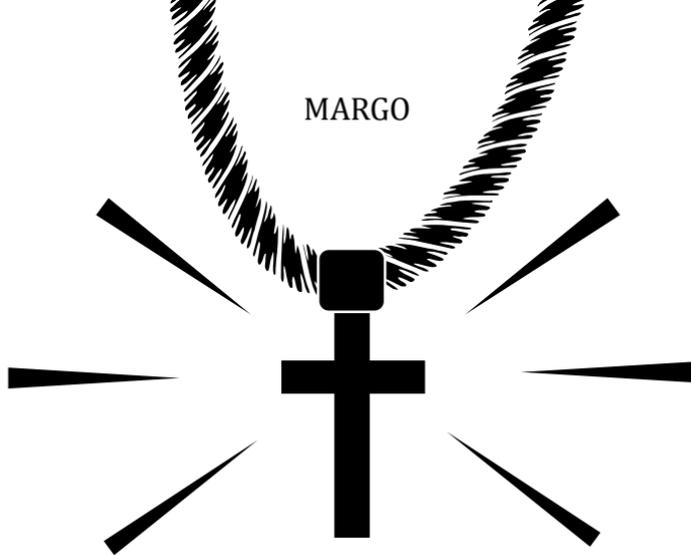
Depois disso apenas me lembro de acordar na prisão, com os gritos do meu pai. Nesse dia ele me encheu de porrada, a minha mãe tentou apaziguar tudo, mas só depois de muito tempo, conseguiu. Meu pai estava puto da vida; e eu estava dolorida, por dentro e por fora.

Naquela madrugada, após ter chegado a casa, eu tive um sonho; depois de tanto tempo sem conseguir dormir em condições, eu sonhei. Sonhei que era tocada por vários homens, estava dormente, torpe, não conseguia falar, me mexer e estava nua. Sonhei que era abusada sexualmente por todos eles e nada conseguia fazer.

Quando acordei, ainda conseguia sentir o cheiro de cada um deles na minha pele, e por mais que eu tentasse não saía. As minhas partes íntimas doíam e eu não sabia como contar isso aos meus pais sem que eles me jogassem na cara que eu merecia. E talvez eu merecesse pela morte de Virgínia, talvez merecesse por tantas vezes ter feito os meus pais sofrer e por todos os meus pecados.

Era meu vigésimo aniversário e tudo que eu queria era desaparecer.

CAPÍTULO V



Onde eu estava? Mm, sim.

Depois daquele susto tremendo, felizmente, o socorro chegou a tempo. Lembro-me dos passos rápidos contra o piso, mamã com o rosto pálido e os lábios brancos e trêmulos. Lembro-me de pai andando de um lado para o outro, embora estivesse exausto.

Estávamos os três sentado naquelas cadeiras do hospital esperando Júlia recuperar os sentidos e receber alta.

As minhas mãos tremiam e um enorme aperto assolava o meu coração. Primeiro, pensei que ainda fosse o efeito do choque, depois, que fosse o medo. Quer dizer, ela tentara tirar a própria vida, nada garantia que não fosse fazer de novo.

Quando lhe deram alta tudo só pareceu piorar.

Após a diagnosticarem com depressão; Júlia limitava a sua interação. Afastou-se cada vez mais de mim, do pai e já quase não falava com mamã. Os seus dias se resumiam ao silêncio do seu quarto, quase não dormia sem ajuda de medicamentos e sempre que eu levava algo para se alimentar, a encontrava aos prantos.

Mamã deixou de trabalhar, passava a vida na igreja fazendo jejuns, penitências e orações... pedindo fervorosamente que Deus libertasse a sua filha mais velha do demônio que se havia apossado do seu corpo. Pai quase não parava em casa. Trabalhava dia e noite para conseguir manter as despesas de casa, o tratamento de Júlia e a minha formação.

Parecia que a depressão dela tinha se estendido por toda a família e contagiado a todos.

Em algum momento tudo ficou tão difícil de suportar que desejei que ela tivesse conseguido. Que naquele dia, no aniversário dela, que eu tivesse demorado um pouco mais. Que tivesse continuado a conversa com a entidade sem rosto por mais uma fração de segundos. Desejei que Júlia tivesse morrido.

Depois aconteceu.

Lembro de ter chegado da escola; era uma tarde como todas as outras. Mamã estava na igreja, pai, no trabalho, e Júlia no seu quarto. A casa estava silenciosa como de costume, nada parecia fora do lugar, então fui até a cozinha aquecer o almoço que mamã tinha deixado naquele dia; arroz de ervilhas e frango frito. O almoço era quase sempre aquele, acompanhado do pequeno-almoço de chá com pão e manteiga e jantares de sopa de batata ou canjas. Desde que mamã parou de trabalhar que as coisas tinham se tornado mais apertadas; pai com o trabalho de taxista mal podia pagar os medicamentos de Ju e os meus estudos, quem dera pudesse arcar com todas as despesas de casa. Eu tentava a todo custo minimizar os gastos; remendava quantas vezes fossem necessárias o meu uniforme velho, conseguia materiais escolares através das minhas colegas, e ia até à

escola de bicicleta, assim não obrigava pai a gastar combustível desnecessário realizando aquela rota por minha causa; mas tudo estava fora de controle e não sabíamos como superar. E a Ju, a culpada de tudo, ficava enfiada no quarto, deitada o dia todo sem fazer nada.

Isso me levava à loucura.

Após arrumar a sua bandeja, com pequenas porções de tudo, um garfo, um copo de água e um guardanapo de papel, subi as escadas o mais devagar possível; estava tão farta de ser a criada privada dela. Me sentia frustrada.

Ela não comeria, ao menos não se fosse eu alimentando-a, isso era mais que óbvio, mas mamã insistia em dizer que eu deveria servi-la, que tarde ou cedo ela cederia.

— Ju, posso entrar? — Sussurrei, batendo levemente na porta do seu quarto, mas recebi o típico silêncio.

Pensei que ela estivesse embrulhada na sua cama, como um feto no útero da sua mãe, ignorando por completo a existência dos organismos celulares a sua volta.

Adentrei o quarto já habituada à escuridão constante no lugar, lembro de ter tropeçado em qualquer coisa pelo caminho e de quase ter derrubado a bandeja. Após ter realizado o que chamo de a manobra do ano, consegui acender a luz, só para derrubar de vez a bandeja.

Meu corpo inteiro começou a tremer e o meu cérebro pareceu congelar diante da imagem. Lembro de ter sentido o corpo inteiro contrariando o meu comando.

A primeira coisa que fiz ao encontrar a minha irmã aí, desfalecida, no meio do quarto, os calções manchados de sangue... A primeira coisa que fiz foi correr até o andar de baixo e pegar o telefone fixo de casa. Aos prantos, informei a situação a mamã, liguei para Beto, o moço que trabalhava

com o pai, e pedi para que este o fizesse ir para o hospital imediatamente. Fui para a casa da vizinha do lado, como mamã instruiu, e pedi que me ajudasse, felizmente, ela e o marido estavam e conseguimos levar Ju para o hospital.

O pai estava tão angustiado por não receber notícias da filha que por pouco não agrediu o médico que ali passava; coitado, mal sabia de nada sobre o caso da Ju e fora atacado com insultos e linguagem de baixo calão por um homem frustrado de quase meia-idade.

Mamã permanecia no seu silêncio habitual, fazendo as suas orações e pedidos; naquele dia, após ter acabado todas as minhas lágrimas, vi-me a orar com ela. O desespero era tanto e o arrependimento, ainda maior. Depois de quase três meses desejando que coisas terríveis acontecessem a minha irmã mais velha, lá estava eu, me acabando em preces por ela.

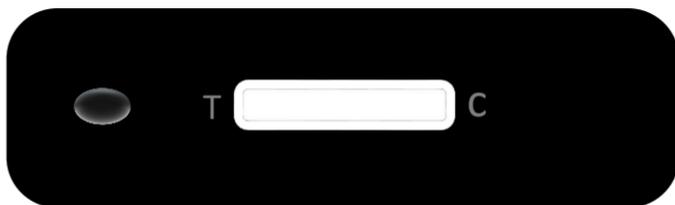
O amor é a coisa mais difícil de explicar; muitos o relacionam ao sacrifício. Mas eu acho que é muito mais. O amor é ter fé suficiente para esperar algo bom de alguém que só nos traz problemas.

Às vezes, penso que foi o amor da mamã, o amor do pai e o meu amor que salvou Ju; pois, embora não admitamos, eu sei que naquele momento todos nós estávamos a orar em prol da sua saúde.

CAPÍTULO VI



ROGER



Vou contar o que exatamente aconteceu. Sem enrolar, porque não gosto daqueles relatos em que há muita enrolação.

Maria parecia um caco de tão cansada, Margo estava tão centrada e quieta quanto a mãe, quase achei que toda aquela confusão lhe tivesse traumatizado. Eu já pensava na estratégia para lidar com o assunto. Se Júlia morresse teria que fazer uma sentada familiar, não tinha mais dinheiro naquela altura, e não podia pedir mais adiantamentos no trabalho; nem sabia como pagaria aquela ida ao hospital.

Ninguém se moveu quando a doutora se aproximou, então, tomei a frente, tentando minimizar às más notícias.

— É o pai da paciente Júlia Wembo?

Abanei a cabeça incapaz de dizer alguma coisa. Já quase conseguia ouvir o grito estridente da Maria, parecido ao grito da minha mãe de quando foi informada que um dos seus filhos não sobrevivera ao acidente de viação.

— Precisamos da lista dos medicamentos que ela tem tomado e que suspendam imediatamente a medicação; conseguimos estabilizá-la, nesse momento está sob

observação e administração intravenosa. Conseguimos evitar o aborto.

— Desculpas, senhora, mas ela não está grávida. Qual aborto?

— Como está a minha filha, senhora doutora? — Maria pronunciou-se, fazendo frente com Margo ao seu lado.

— Como dizia ao senhor, ela está em observação. Felizmente, conseguimos socorrê-la a tempo, mas precisamos acompanhá-la por mais algumas horas para poder averiguar se não houve mais danos; também recomendo contactarem a psicóloga que a atende de maneira a informar sobre a suspensão da medicação e procurar uma alternativa menos agressiva para a gestação.

— Mas ela não está grávida, doutora! A minha filha desmaiou, por isso é que foi trazida para aqui. — Maria parecia estar entre a histeria e o alívio.

— Vejo que é uma surpresa para a família toda. Mas os exames não mentem. São aproximadamente dez semanas de gestação. Daqui a pouco poderão entrar e vê-la, mas só um poderá pernoitar aqui. Os outros deverão ir, o horário de visitas está quase no fim. — E assim, se afastou.

— Como isso foi acontecer, Maria?

— O que devemos fazer? Nem mesmo ela deve saber que está grávida! O que faremos, Roger? Oh, meu Deus do céu. Como ela vai suportar isso? E quem é o pai dessa criança? Quase três meses!

— Margo, você não tem olhado pela tua irmã? Eu sempre digo para trancar a porta quando vais à escola. Como deixaste isso acontecer com a tua irmã?

— Papá, ela em momento algum saiu. Isso eu juro! Quando vou à escola deixo tudo trancado e peço para a

vizinha ficar de olho na casa, caso Júlia decida sair. Ela nunca viu nada de estranho.

— Mas como? Como isso foi acontecer?

Mas só descobrimos o que tinha realmente acontecido dias depois. Após receber alta e realizar a secção semanal com a doutora Bengui, finalmente Ju falou. Foi uma dor tremenda descobrir que a minha filha tinha sido estuprada e nada podíamos fazer para os bandidos pagarem!

Por dias eu não consegui dormir, comer, ou sequer olhar para ela sem me sentir responsável.

Se eu tivesse ouvido o que ela tinha para dizer, se tivesse entendido os sinais. Quando a notícia se espalhou, todos do bairro pareciam dispostos a opinar nas nossas vidas; alguns filhos da mãe até se atreviam a especular que o pai da criança era algum tuga que pagou por ela, outros criavam estórias mirabolantes em que Ju tinha recebido alguma onda de alguma mulher do bairro que descobriu a traição do seu marido com a minha filha. A situação estava difícil de suportar.

Todos sofriam; Maria tinha sido exilada do meio religioso devido aos boatos, Margo quase já não saía porque era constantemente assediada e a lei não tinha o seu devido peso, eu estava cansado de ter as pessoas a minha volta falando da minha filha desavergonhada que ganhou um barrigão para conseguir dinheiro fácil e da família ligando só para colocar mais lenha na fogueira! Todos nós evitávamos a rua, mas as paredes de casa eram igualmente sufocantes.

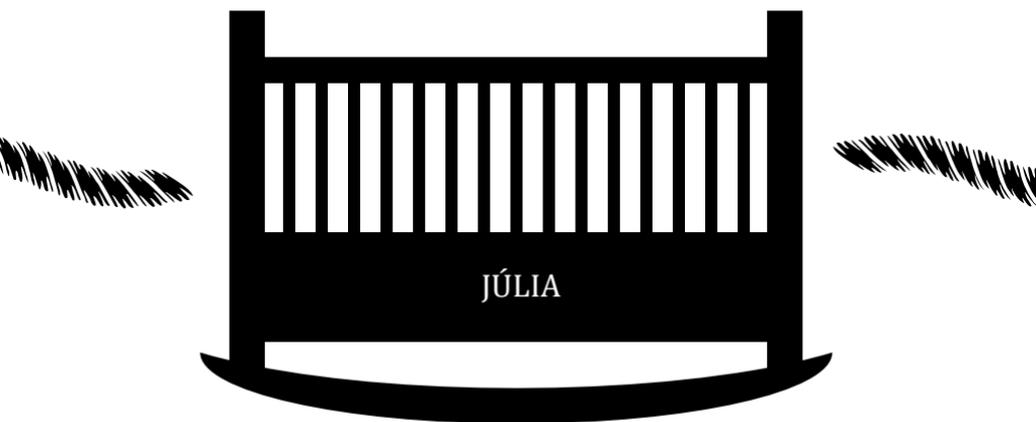
Três meses depois, Júlia já estava com um barrigão, e as coisas pareciam mais fáceis de suportar. Quase ninguém falava. A vergonha de Júlia havia se estendido por todos nós e naqueles últimos tempos aprendemos a conviver com ela.

Margo estava quase sempre trancada no seu quarto tal igual a Ju, que nada falava além do essencial, Maria passava mais tempo em casa e tinha voltado a trabalhar; a família e os vizinhos zombavam de nós e decidimos nos afastar por isso.

Era um domingo normal para aqueles dias, Maria tinha acabado de fazer o almoço e o cheiro da quisaca e do feijão de óleo de palma enchia a casa; e aquela tarde quente lembrara-me de quando Margo nascera, Ju estava tão feliz que, com a ajuda de Weza, minha sogra, fez aquela mesma comida para dar às boas-vindas a sua irmã mais nova. Aquele dia foi o melhor de muitos.

Aquilo fez-me ver no que nos tínhamos tornado. Tudo por não prestarmos mais atenção as nossas filhas, por termos negligenciado a nossa família e dado preferência aos dizeres das pessoas de fora.

CAPÍTULO VII



Hoje vou contar sobre as três melhores experiências da minha vida; Começarei pelo dia em que as coisas em casa mudaram:

Estava no sétimo mês de gestação e tudo que mais desejava era poder apressar as coisas. Estava emocional e fisicamente cansada. Não sabia o que seria da minha vida depois dali, não sabia sequer o que faria depois que tivesse aquele bebê; não me conseguia ver no espelho e me dopava para conseguir dormir, mas a maternidade é a coisa mais desastrosamente linda que existe. Desde que soube que estava grávida, de uma coisa eu tinha a certeza: tentaria ser melhor pessoa. Tentaria fazer tudo aquilo valer a pena. Aquela vida não seria manchada com o meu passado.

Então comecei. O meu relacionamento com a mamã começava a se firmar como antes, algumas vezes, pegava o pai a olhar-me com o mesmo carinho de antes, sem o remorso, e embora às vezes me questionasse sobre como deveria levantar da cama no dia seguinte, eu sabia que tinha que fazê-lo. Não vou mentir, houve dias horríveis em meio a tudo isso. Dias em que me deixei encolher sobre a minha

enorme barriga e chorei sem parar devido à ansiedade e ao medo de não estar a fazer o certo. Enfim, houve dias em que o sol simplesmente não brilhou, mas sabe, eu suportei cada um desses dias com a ajuda de cada membro da minha família.

É horrível quando nos sentimos sozinhos; eu senti por quase três anos o que a Virgínia sentiu a vida toda e, se fosse possível, eu tentaria evitar tudo que fiz e disse-lhe, mas penso que algumas coisas acontecem por algum motivo divino. Essa última parte quem me ensinou foi a avó. E ela tinha os seus motivos; a mulher que eu conhecia, que acreditava cegamente numa instituição religiosa, pareceu se erguer das cinzas como jamais imaginei. Mamã estava tão focada no que queria que deixava todos orgulhosos. Tinha conseguido um emprego novo e estava disposta a chegar no topo à base do esforço, embora não descartasse a ideia de que Deus lhe dava um empurrão, aprendera que tudo dependia principalmente dela. Que não bastava só pedir, precisava agir.

Todos os dias, de segunda a domingo, reuníamos-nos no seu quarto e lá dávamos graças e orávamos a favor da nossa família.

Eu estranhamente amava esses momentos. Era um momento tão íntimo entre eu, ela e Deus, que me fazia agradecer com maior fervor.

Então, num desses encontros, ouvimos alguém bater à porta. Mamã permitiu que quem quer que fosse entrasse e esperamos a pessoa se revelar, pensamos até que fosse o papá, desejando saber onde estava o comando da televisão, mas foi Margo que estava à porta.

A minha relação com Margo estava pior que nunca. Esta

não me falava, limitava qual fosse a interação comigo e sempre que eu me aproximasse, se afastava. Eu compreendia que ela estava chateada, eu compreendia que ela estava magoada; nunca tivemos a oportunidade de falar, mas eu dava o meu melhor, tentava superar e melhorar, mas parecia que só ela não via isso.

Enfim... Margo parecia constrangida, os olhos estavam pregados nos seus pés e o seu corpo parecia preso àquele limite entre a porta e o batente.

Com a voz miúda sussurrou:

— Posso dar graças com vocês? .

A mamã olhou para mim com um grande sorriso no rosto, e depois para ela, eu estava igualmente espantada.

— Claro, querida, venha aqui, feche a porta.

Os encontros eram basicamente uma oração em que primeiro dávamos graças pelas coisas que conseguimos alcançar naquele dia, depois fazíamos uma oração em conjunto, pedíamos a proteção, a sabedoria e paciência para com os nossos objetivos ou feitos seguintes e, finalmente, entregávamos as nossas vidas para Ele.

Então, mamã começou dando graças pela saúde e proteção da nossa família, eu segui, dando graças pelo emprego da mamã, os esforços de Margo na escola e pela força que tenho tido para conseguir enfrentar a depressão; aí foi a vez da Margo e o que ela disse foi tremendo.

— Obrigada por cuidar da Ju, sei o quão difícil é enfrentar a depressão quando estamos sozinhos; obrigada por fazer com que a minha sobrinha cresça saudável, obrigada pelo emprego da mamã, foram imensas às vezes que ela esteve lá por Ti, obrigada por retribuir. Obrigada por permitir que o pai fosse promovido e, finalmente, obrigada por

permitir que eu perdoasse a Ju; e por não tirar ela de nós.

Ninguém nada disse. Minha mãe já soluçava tentando livrar-se das lágrimas, e devo admitir, eu também me emocionei.

— Vem aqui. — Pedi, e ali estávamos, as três, soluçando e pedindo desculpas umas para as outras, no nosso encontro com Ele.

Depois daquele dia, os dias seguiram-se mais leves.

A segunda melhor experiência foi a de quando eu e o seu pai casamos. Vou deixar ele contar, acho que ele adoraria contar.

Vou falar sobre a melhor experiência, a primeira, quando finalmente conheceste a família.

Você quase nasceu num táxi, acho que já falei disso. Então, estava no nono mês de gestação e os médicos previram a tua chegada lá para os dias três de abril; faltavam aproximadamente duas semanas até a data, o dia estava tão quente que era quase impossível ficar longe do ar condicionado. E tudo que eu mais queria comer era um gelado de uma sorveteria específica. Ela ficava a mais ou menos trinta minutos de casa, isso se fosse de carro próprio. Então, na teimosia mesmo, me atrevi a ir para lá sozinha, de táxi.

Me sentia mal, mas achei que fosse por todo aquele sol. A cidade parecia um deserto de tão quente. Assim que cheguei ao local, agradeci a Deus pelo ar condicionado no lugar. Após comprar o doce que me levou até o lugar, e de comer um terço do mesmo, uma dor horrível atingiu-me de dentro para fora.

Me ergui num salto e gritei para a primeira pessoa que vi:

— O bebê!

O moço a quem gritei espelhou uma careta e encarou-me parecendo não saber o que fazer, até que joguei tudo que carregava na pequena bolsa sobre a mesa e manejei o telefone acariciando a minha barriga enorme na tentativa de acalmar o bebê.

Tudo aconteceu rápido de mais. Mamã e Margo brincam dizendo que foste chocada pelo sol, por causa disso. Numa hora, estava incapacitada de pronunciar o que fosse sem lamentar, e, noutra, gritava com as pessoas a minha volta. Eles não atendiam os telefones, a sua avó e o seu avô. Seria impossível contactar Margo visto que esta não tinha telefone. O moço com quem gritei no princípio não saía do meu lado. Parecia aterrorizado, oferecia água e até gelado, na tentativa de acalmar-me. Ninguém na sorveteria tinha carro, e eu já estava toda incapacitada pelas contrações. Naquele momento, todo o conhecimento que adquiri durante a gestação pareceu ter sumido, estava em completo pânico. Por fim, decidiram que o melhor era alugar um carro para assim chegarmos ao hospital a tempo, e, de lá, continuássemos a tentar contactar a mamã e o papá.

Um dos funcionários do local ligou para a agência de táxis mais próxima e em poucos minutos o carro lá estava. Naquele momento, o ar condicionado do estabelecimento já não parecia realizar o seu trabalho. O meu corpo inteiro estava regado em suor, mas o frio que eu sentia devido ao medo era muito maior.

O moço, sempre fiel, já havia gasto quase uma caixa inteira de guardanapo na tentativa de manter o meu rosto seco, tanto das lágrimas quanto do suor. Este mesmo moço, junto da senhora que seria a tua madrinha, é que foram comigo no táxi.

— Por favor, ligue para minha mãe. — Implorei.

A senhora ligava para a mamã através do seu telefone e o moço, através do meu, tentava o número do papá, que foi o primeiro a atender.

— Estou, senhor! A sua filha... Sim! Estamos a levá-la para o Lucrécia Paim. Sim, até lá. — O moço disse, me deixando um pouco mais descansada. — Ele vai a caminho, não te preocupes. Agora se concentra apenas no bebê.

Momentos depois, mamã também atendeu e a senhora, Suzana, passou-me o telefone.

— Mamã... — Gemi apertando a mão do moço com mais força.

— Querida, estamos a caminho. Fique firme. Respira. Lembra do que a doutora disse; o medo só vai piorar as coisas.

— Ela está a acenar, minha senhora. — O moço disse, como se tentasse traduzir os meus acenos para a mamã.

— Colocaste tudo na pasta?

Acenei, me contendo para não gritar e assustá-la.

— Sim, senhora, ela diz que sim. — O moço, mais uma vez prestável, se pronunciou.

— Tudo bem, estamos a caminho, filha.

E ali ela desligou e o moço entregou o telefone para Suzana.

Quando a dor ficou insuportável, capaz de rasgar a minha alma, foi quando eu sentia que nada mais podia fazer. O carro parou, diante maternidade Lucrécia Paim e eu já não conseguia conter as lágrimas. Suzana desceu do carro e muito rápido desapareceu hospital à dentro, o moço e o taxista abriram as portas do carro e tentaram transportar-me para dentro do hospital, mas você estava tão apressada, curiosa em descobrir o mundo cá fora, que foi impossível.

Algumas enfermeiras chegaram com Suzana, trazendo uma cadeira de rodas, e rapidamente encaminharam-me para a sala de parto.

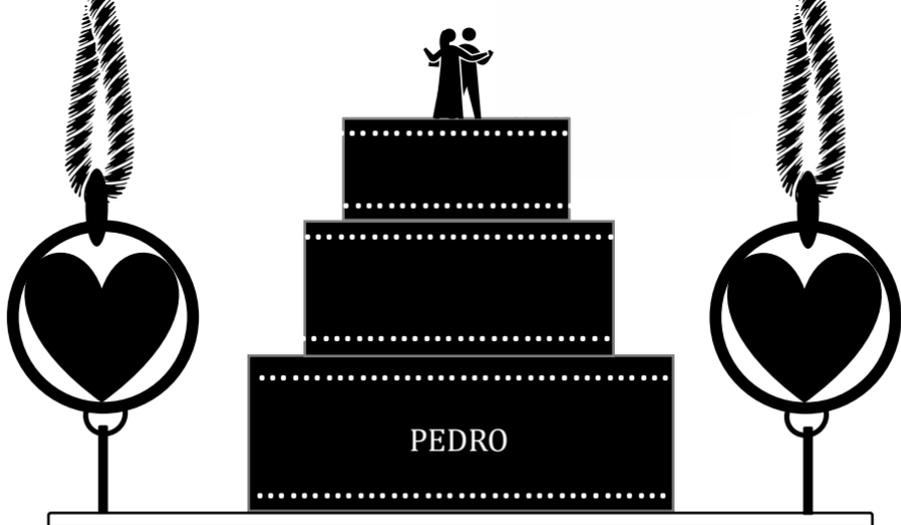
E quando te peguei no colo... O momento mais gratificante da minha vida. Ali eu soube que nada nem ninguém me faria desistir de ti. Que estava pronta para lutar com o mundo inteiro, se fosse necessário, tudo isso só para te manter a salvo e feliz. Naquele dia eu chorei como jamais havia chorado, tudo isso por tua causa.

— Como ela se vai chamar, mamã? — A enfermeira perguntou.

— Virgínia. — Falei, segurando as tuas pequenas mãozinhas e olhando para o teu lindo nariz.

Eras a coisa mais pequena e linda que alguma vez tinha visto; e sentia-me espantada por conseguir fazer algo tão perfeito.

CAPÍTULO VIII



Então vou falar sobre um dos dias mais felizes da minha vida. O dia em que eu e a tua mãe casamos. Sim, eu era o moço da sorveteria, e sim, estava aterrorizado. Aquele foi o dia mais traumático da minha vida, mas valeu a pena, pois conheci você e a tua mãe.

Então, no dia do casamento, eu estava nervoso de mais. Depois de quase 4 anos namorando, finalmente tinha como lhe dar o casamento. Escolhi aquele ano porque foi o mesmo ano de formatura dela, em psicologia. Ela estava decidida em ajudar todo mundo e eu amava aquela ideia. Aquilo a tornava mais atraente.

Então, aconteceu assim: eu estava no altar, nervoso da vida, torcendo para que ela viesse logo e dissesse o tão esperado 'sim', para que não tivesse mais volta. Sua tia Margo, com o namorado, encaravam-me praticamente zombando da minha situação.

Finalmente, vi a tua avó Maria ocupar o seu lugar e eu sabia que o momento tinha chegado. A música começou e estendeu-se até que a tia Suz veio a passos rápidos, semblante triste, com um cartão nas mãos. Ela entregou-me o

cartão e sussurrou um “eu lamento imenso”.

Todos estavam presentes, estáticos, olhando-me; e o máximo que eu conseguia pensar era que o carro tivesse avariado de novo e Júlia fosse se atrasar e eu teria que pedir para o padre adiar o casório. Não me passava pela cabeça que ela fosse desistir de casar, mas no bilhete estava escrito o contrário.

Primeiro olhei para a tua tia Margo, que sussurrava alguma coisa para a Suz, e depois para a sua avó e o seu avô que me encaravam indagados.

— Bem... — Me esforcei a dizer alguma coisa, as pessoas lá presentes criavam um alvoroço devido à ausência da noiva. O meu sangue fervia por ter que passar por tamanha vergonha. — Ela não vem.

Imagina a tamanha confusão que caiu sobre a igreja depois de tal declaração. Mas eu não sabia exatamente como reagir. O que exatamente aquele bilhete significava? O que era suposto alguém deixado no altar fazer? Nos últimos meses ela estava verdadeiramente apreensiva e me evitando a todo momento. Presumi que fosse coisa do stresse em meio a véspera do casamento.

Então eu me atrevi a dar o primeiro passo para longe do altar, os outros foram quase que no modo automático. Eu estava chateado por ela não me ter dito, por esperar exatamente aquele momento para desistir, estava chateado até com Suz por ser a intermediária daquele desfecho, estava chateado com a minha família que apontavam defeitos inexistentes à Ju, e verdadeiramente irritado comigo mesmo, por não perceber a indisposição da minha noiva diante de toda aquela situação.

Estava diante da entrada e sentia-me retraído quanto a

decisão, se eu saísse podia significar o fim daquela relação entre mim e ela, e, no fundo, eu não desejava aquilo. Sabia que só precisava de tempo para pensar, mas não sabia se acontecia o mesmo com Ju, não sabia se ela já tinha decidido sobre aquele assunto.

Inesperadamente, a marcha cerimonial iniciou causando mais burburinhos no local, as portas se abriram e bem na minha frente estava ela; a razão de todas as minhas inquietações. A Ju deu alguns passos até mim, e deixou-se pelo caminho, ao lado do seu avô Rogério.

— Eu lamento imenso o que te fiz passar. — Disse, sobrepondo-se ao barulho a nossa volta. — Não posso prometer que momentos de tensão iguais a esse não voltem a acontecer, mas prometo dar o meu melhor para que não se prolonguem, nem se tornem constantes. Estou disposta a enfrentar todos os meus medos, isso se estiveres ao meu lado. — Naquele momento, ela pregou os olhos determinados em mim e ali eu tive a certeza que a amava mais do que algum dia amei alguma mulher.

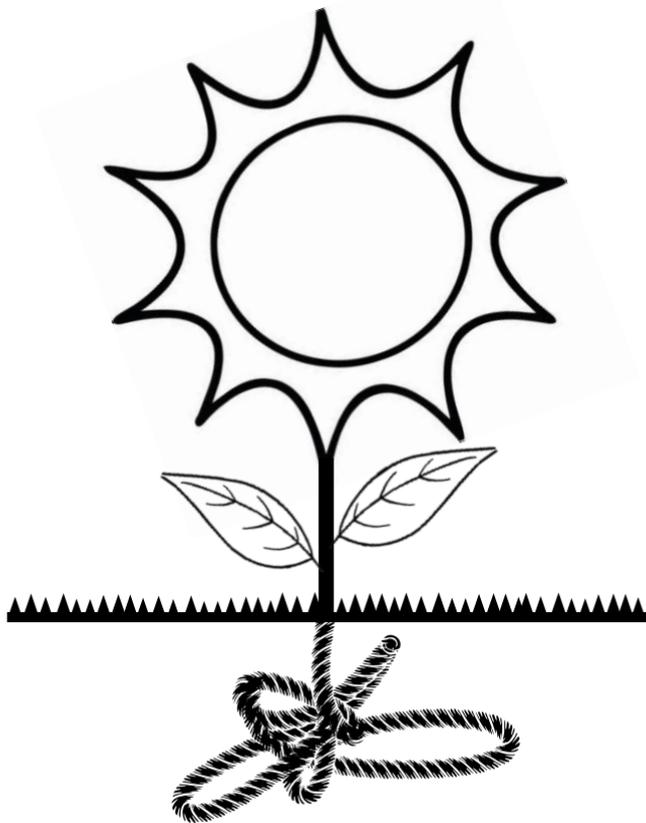
Dei exatamente os dois passos que faltavam para estar diante dela e peguei a suas mãos geladas e trémulas. Ali tomei conhecimento de que ela lutava contra a sua ansiedade. Ela lutou por mim naquele dia. Havia uma maneira melhor de provar o seu amor e fidelidade além daquela?!

— Claro! Estarei sempre. — Falei.

Estava orgulhoso de poder chamar aquela mulher tão forte de minha.

Então, os dois, agarrando a mão de um e do outro, realizamos a marcha cerimonial aos olhos de todos ali. E seis anos depois ainda continuamos de mãos dadas, como ela mesma pediu e eu prometi que seria.

EPÍLOGO



Mais uma vez vi as meninas do *bullying*. Elas voltaram a implicar comigo, eu falei com o professor como o senhor instruiu, papai, mas elas esperaram-me à porta do colégio e voltaram a implicar comigo.

— Fique calma, mamã. Deixe eu acabar de contar.

Então, eu estava chateada e triste por elas estarem sempre a implicar comigo sem motivo aparente, então tentei retaliar, como a senhora disse, mas a professora Paula descobriu e colocou-me de castigo durante toda a hora do lanche. Tive que copiar um texto enorme do livro de língua portuguesa para o caderno, os meus dedos ficaram doloridos a manhã inteira.

— Sim, papai, não deveria retaliar. Mas aquelas meninas

mereciam, e muito, levar com bolinhas de lama... Eu não seria uma rufia por isso, só estaria a pagar na mesma moeda. A defender-me, como a mamã disse. Ah! Sim, lembro da história da Virgínia, mas aqui seria diferente... tudo bem, deixa eu acabar de contar.

Então, não pude retaliar de todo porque a professora me pegou jogando lama nelas e, em contrapartida, elas identificaram-me, então estava mais encrocada que o habitual. Mas eu esperava que aquela demonstração de autodefesa fosse o suficiente para espantar, mas não foi bem assim.

Quando eu ia saindo da escola, encontrei novamente elas esperando-me, decidi fazer diferente e fugir, mas elas viram-me e seguiram. Fiz o caminho todo correndo, mamã, mas elas conseguiram alcançar-me e encurralar. Os uniformes todos salpicados com borrões de lama, e os rostos todos suados devido ao exercício que as obriguei a fazer.

Eu estava a me preparar para dar um jeito nelas, como mamã ensinou, mas era uma contra três, sabia que a probabilidade de sair magoada era maior para o meu lado. As meninas do *bullying* começaram por me jogar ao chão...

— Só ralei um pouco os cotovelos. Fica calma, mamã... Deixa eu acabar de contar. Falar para diretoria não vai mudar muita coisa, e eu não quero mudar de escola por umas rufias. Deixa eu contar.

Então, elas me jogaram no chão e receberam a minha mochila, e espalharam os meus materiais...

— Mamã, estou bem... Não aconteceu nada de tão grave. Sim, não vou falar mais sobre as atrocidades.

Mas em certa altura uma garota alta e gordinha aproximou-se; sabe o que ela fez? Fez frente às meninas do

bullying, uma por uma, começando pela Teresa. E quando elas se puseram em fuga, eu estava tão eufórica que já nem me importava com os cotovelos ralados ou com o material espalhado.

Foi engraçado de mais ver todas elas correndo dali. A menina me ajudou a pegar o material que as rufias tinham espalhado e quis saber se eu estava bem.

— Sim, estou. Obrigada por me defender.

— Meu pai sempre diz que devemos ajudar porque não sabemos o quão triste o outro está. — Ela disse num sotaque estranho.

— É, a minha mãe também diz isso. Eu vou por esse caminho, e tu?

— Vives por esses lados? Eu também, vivo na rua a seguir.

— Sim, mesmo ali, na ponta da rua. Nunca te vi por aqui.

— Mudei-me no sábado. O meu pai cresceu aqui.

— Minha mãe conhece toda a vizinhança, pode ser que conheça o seu pai também. Podemos nos ver mais vezes, e eu farei uma visita guiada aos lugares mais interessantes da cidade. Meu pai nos leva.

— Combinado!

— Qual é o teu nome, já agora?

— Juliana Santos.

— Engraçado.

— O quê?

— És chara da minha mãe. Nome dela é Júlia.

— Isso pode ser um sinal de que seremos melhores amigas.

— Espero. — Sorri. — Meu nome é Virgínia.

.

• • •

**QUANDO VOCÊ
CHEGAR AO FIM DA
SUA CORDA, DÊ UM
NÓ E SEGURE-SE**

Franklin D. Roosevelt



